



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

Significado e sentido em Jakubinskij, Volochinov, Medviédev e Bakhtin

Dagoberto Buim Arena

Como citar: ARENA, D. B. Significado e sentido em Jakubinskij, Volochinov, Medviédev e Bakhtin. *In*: MILLER, S.; MENDONÇA, S. G. L.; KÖHLE, E. C. (org.). **Significado e Sentido na Educação para a Humanização**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2019. p. 55-80.

DOI: <https://doi.org/10.36311/2019.978-85-7249-036-8.p55-80>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

SIGNIFICADO E SENTIDO EM JAKUBINSKIJ, VOLOCHINOV, MEDVIÉDEV E BAKHTIN

Dagoberto Buim Arena

INTRODUÇÃO

Considerações sobre significado e sobre sentido são elaboradas nos variados campos das ciências humanas, e, por essa razão, cada pesquisador elege um lugar específico para olhar para esse mesmo objeto de reflexão. No campo próprio da filosofia da linguagem, esse lugar pode ser concebido como o ocupado por três pesquisadores abrigados sob o difuso nome *Círculo de Bakhtin*. A insistência da referência a um suposto círculo, em vez da nomeação clara e direta de seus supostos integrantes, dilui suas identidades, desqualifica o pensamento de cada um deles, como se fossem um único pensamento e um único ser. Esse modo de considerá-los, sem identidade definida, contraria a própria visão bakhtiniana de que cada homem é um ser singular, apesar de sua constituição eminentemente social. Em virtude da necessidade de demarcar essa singularidade, o título deste artigo destaca a identidade de Volochinov, Medviédev, de Bakhtin e <https://doi.org/10.36311/2019.978-85-7249-036-8.p55-80>

de Jakubinskij¹. Apesar de este último não ser citado como constituinte do suposto círculo, a referência a seu pensamento é necessária para a discussão da temática, porque foi, na área da linguagem, professor de Volochinov na antiga Petrogrado, cujas influências sobre o conceito de diálogo e de monólogo são percebidas nos textos dos três citados, e em um de Vigotski, especificamente, *Pensamento e Palavra*.

Volochinov, Bakhtin e Medviédev se encontraram pela primeira vez nas sessões de debates sobre Kant e sobre temas religiosos na pequena Nevel para onde os dois primeiros tinham se transferido para escapar das agruras desencadeadas pela crise econômica russa nas grandes cidades, como Petrogrado, onde viviam. Medviédev, dirigente político em Vitebsk, em algumas ocasiões participou também desse debate em Nevel, e, em virtude desse envolvimento, convidou os dois primeiros para trabalhos provisórios em sua cidade. Lá os acolheu durante algum tempo, até que em épocas distintas e por interesses também distintos, retornaram a Petrogrado, a cidade de origem, e novamente se reencontraram em Saransk, onde Bakhtin conseguiu trabalho graças a suas indicações.

Embora houvesse convergências sobre alguns dos temas sobre os quais se debruçavam, notadamente era a literatura e as artes que os aproximavam. Bakhtin tinha, além da filosofia kantiana, preocupações religiosas, mas sobretudo grande interesse pela literatura, portanto, pelo uso da linguagem. Medvedev nutria interesse pela dramaturgia, pelas artes de modo geral e também pela literatura. Volochinov gostava de música, de poesia, mas ao retornar para Petrogrado e para a universidade que abandonara, dedicou-se ao estudo das ciências humanas e aí se encontrou com o pensamento de Jakubinskij e de seus estudos sobre linguagem e diálogo, e com as aulas de Medviédev sobre poética sociológica (SÉRIOT, 2010).

Volochinov, com o estatuto de aluno de doutorado, desenvolveu o projeto do livro que viria a ser *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, e introduziu novos objetos de estudo e de pesquisa no universo da linguagem da literatura, que vinha sendo o objeto de reflexão de Bakhtin e de Medviédev. Nascia, desse modo, a preocupação com o enunciado, com o

¹ Os nomes dos autores no corpo do texto serão grafados como são comumente usados no Brasil, mas nas citações será obedecida a grafia original. Há, contudo, variações no Brasil: Iakubinski e Jakubinskij, Medvedev e Medviédev, Volochinov e Volóchinov e Volosinov. na versão francesa de 2010

diálogo, e, sobretudo, com o campo da filosofia da linguagem, como um campo mais vasto e abrangente que o ocupado pelos estudos da nascente linguística. Esse movimento em direção à linguagem feito por esses pesquisadores se inseria num movimento mais amplo que ocorria no seio da intelectualidade russa naquele momento histórico. (TILKOWSKI, 2012).

Amparado por estes argumentos, este artigo almeja desvelar os conceitos de significado e de sentido em cada um dos quatro estudiosos citados para evitar a diluição de seus pontos de vista e escapar da fusão de suas manifestações em uma entidade chamada *círculo*.

Apesar de ser esta a intenção, é necessário que alguns apontamentos sejam feitos com o intuito de afastar, desde o início, a expectativa do leitor de que encontrará aqui distinções claras, definitivas e definidas entre os conceitos de significado e de sentido, porque algumas premissas as impedem: 1. Há frequentemente imprecisão no emprego desses conceitos em virtude da própria natureza das ciências humanas que não se apoia na precisão e na definição, atitudes que são próprias do campo das ciências duras. 2. Há deslizes frequentes entre as opções de tradutores. É necessário salientar que nem todas as obras de todos os pensadores foram consultadas, porque isso demandaria vasta pesquisa, que conseqüentemente caberia em outro tipo de gênero acadêmico que não um capítulo de livro. 3. Assumo, na esteira do pensamento de Volochinov, a perspectiva monista, para conceber a ausência da dicotomia entre os conceitos, por reconhecê-los como unidades de um todo que se manifestam no enunciado verbal.

Em relação ao primeiro apontamento, o que se refere à imprecisão nas ciências humanas, encontra-se no texto fragmentado *Metodologia das ciências humanas*, (texto quase esquemático, como se anotações e lembretes fossem, mesmo tendo sido publicado como artigo), observações de Bakhtin sobre o objeto das ciências humanas:

O objeto das ciências humanas é o ser *expressivo e falante*. Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado. [...] A exatidão pressupõe a coincidência da coisa consigo mesma. A exatidão é necessária para a assimilação prática. [...] Por isso o conhecimento aqui não nos pode dar nada nem garantir, por exemplo, a imortalidade como fato estabelecido com precisão e dotado de importância prática para a nossa vida. (BAKHTIN, 2003, p. 395).

Ao entrar no universo bakhtiniano dos estudos do homem e da linguagem humana, não há lugar para a precisão, para a exatidão, ao contrário, na linguagem humana se encontram o espaço e o tempo da imprecisão, da inexatidão, porque não há razão para o encontro coincidente entre o signo e a coisa mesma, nem há razão para a necessidade prática no reino da reflexão. No que se refere ao terceiro apontamento, sobre a visão monista, nos encontramos com as palavras de Faraco a respeito de Volochinov e de Medviédev:

Segundo eles, eram incompatíveis com o pensamento marxista quaisquer propostas que não respeitassem suas premissas de base: o materialismo, o monismo metodológico, o caráter social e histórico de todas as questões humanas. (FARACO, 2009, p. 28).

Sériot, no prefácio à edição francesa de MFL por ele traduzida, entende que Volochinov se apoiou no que chamou de *teoria do elo*, com base em Vossler, para se afastar da dicotomia própria de outros campos das ciências humanas, notadamente da visão saussuriana (SÉRIOT, 2010), porque queria estudar o objeto de sua investigação sob o olhar da totalidade.

Ao assumir uma visão monista para investigar e apreciar os objetos criados pelas relações humanas, que compõem o vasto mundo das ideologias, é necessário olhar para os conceitos de significado e de sentido em suas relações com outros conceitos que integram a totalidade dos estudos de linguagem: os de estereótipos sociais, os de estereótipos de linguagem, os de diálogo e de monólogo, em Jakubinskij; os de diálogo, de situação extraverbal, o de gêneros e da natureza axiológica do signo, em Volochinov, em Medviédev e em Bakhtin. Por essa razão, com o intuito de estabelecer as relações entre os conceitos e os articular com problemas relacionados ao próprio ensino da linguagem escrita, este capítulo estabelecerá diálogos entre os próprios russos e com alguns de seus comentadores atuais para discutir o tema central que irá desaguar em conclusões cujo núcleo será ocupado pela assunção de que há uma gênese ininterrupta de criação de sentidos quando da formulação de enunciados em ambientes de troca social, porque os sentidos têm o caráter da manifestação concreta, como o diálogo e o enunciado, enquanto o significado, o monólogo e a enunciação

ocupam a esfera da abstração. A linha de conduta intelectual, entretanto, chegará à conclusão de que significado e sentido encontram-se em relação dialética na criação da totalidade dos sentidos.

Do ponto de vista histórico, uma visão linguística pouco profunda poderia considerar a criação de significados dos signos linguísticos como se fossem camadas que vão sendo superpostas uma a uma, ao longo do tempo, como as camadas geológicas que registram a evolução da natureza, e vão, por meio dos estudos do homem, desvelando as características de uma época. Como estas, as camadas de significado dos signos indicariam as razões de alterações sociais ao longo do tempo. Seriam os sensores sociais de cada época. Essa concepção da natureza sensorial do signo em perceber as mudanças não está distante das observações de Volosinov (2010). Entretanto, em decorrência do próprio movimento social, histórico e cultural, e do embate que sofrem nas relações humanas, os significados não se consolidam em camadas como as da geologia; ao contrário, misturam-se, deslocam-se para frente e para trás no movimento histórico, se superficializam e se aprofundam nos movimentos sociais, e, nesse movimento, alguns traços, mais os físicos que os conceituais, mantêm certa estabilidade do signo. Os sentidos assumem, porém, a primazia, em virtude da natureza incontrolável pela tendência à subversão do signo, considerado como de natureza ideológica.

Uma boa referência para apreciar o caráter mutável dos signos são os estudos do filólogo alemão Viktor Klemperer (2009). De origem judia foi obrigado a abandonar a universidade onde lecionava para exercer a função de operário em uma fábrica em Dresden, na Alemanha, durante a Segunda Grande Guerra. Registrou, durante esse período, algumas palavras e enunciados cujos sentidos foram transformados pelos líderes do regime nazista. Esses sentidos foram abruptamente e intencionalmente modificados para atender a um projeto econômico, social, educacional e político. Constituíram enunciados que passaram a formar a consciência dos alemães. Restaram dos signos do período pré-nazista, no pós-guerra, apenas a carcaça, a sequência sonora na linguagem oral e a sequência gráfica na linguagem escrita.

Introduzo três citações de Klemperer. A primeira sobre o ir e vir dos sentidos, no embalo do movimento político-social:

A Segunda Guerra mostrou-nos várias vezes este fenômeno: certos termos tiveram presença marcante durante o regime nazista e parecia que nunca mais seriam extirpados, mas acabaram sumindo como e por encanto. Desapareciam junto com a situação que os tinha feito surgir. É provável que alguma vez um desses termos reapareça, mas como um testemunho fossilizado. (KLEMPERER, 2009, p. 37).

Quero destacar no texto de Klemperer o trecho “desapareciam junto com a situação que os tinha feito surgir”, porque revela o que irão afirmar os autores russos inicialmente citados a respeito da estreita ligação entre a situação social e a criação de significados ou de sentidos, quando se concebe o significado como um dado de estabilidade e o sentido como dado de instabilidade. Essas relações entre situação social, enunciados, sentidos e gêneros de linguagem serão também alinhavadas no desenvolvimento deste capítulo.

O segundo trecho de Klemperer merece, entre tantos outros, ser escolhido para citação, porque esclarece a instabilidade dos sentidos em razão de seu elo com as situações sociais também instáveis. Já logo depois do fim da guerra, comenta o processo de reconstrução moral e da linguagem:

O mesmo deverá ocorrer com a palavra mais importante e decisiva de todas – “desnazificação” – que desaparecerá quando deixar de existir a situação a que se refere. Ainda levará tempo. Não apenas a ação nazista terá de desaparecer, mas também a mentalidade nazista, o hábito de pensar nazista e justamente o seu solo mais fértil, a linguagem nazista. (KLEMPERER, 2009, p. 38).

As situações criam os sentidos e eles somente se desmancham quando se desmancham ao mesmo tempo o modo de pensar e as situações sociais. Essas situações foram, antes, consideradas como situações extraverbais por Volosinov (2010) e, como ele, Klemperer também repõe, pela sua importância, a linguagem no centro da arena de conflitos sociais.

O último dos três trechos, mais longo, revela todo o potencial dos sentidos das palavras na formação da mente humana. Ao analisar a linguagem nazista e seu legado na formação dos jovens, lamenta:

Quantos conceitos e sentimentos ela violentou e envenenou! No curso noturno da Universidade Popular de Dresden e nos debates promovidos pelo *Kulturbund* [União Cultural] em conjunto com a *Freie Deutsche Jugend* [Juventude Livre Alemã], diversas vezes vi como jovens inocentes e sinceros se apegavam ao modo nazista de pensar para suprir erros e lacunas de sua formação, que deixava muito a desejar. Sem perceber, estavam confundidos e seduzidos pela linguagem de uma época que deixou de existir. Conversávamos sobre o sentido da cultura, do humanismo, democracia. (KLEMPERER, 2009, p. 38-39).

Minha intenção ao introduzir Klemperer foi o de preparar o desenvolvimento do capítulo, porque os enunciados desse estudioso da linguagem humana desvelam o deslizamento de sentidos dos signos pelas entranhas das situações políticas, históricas, culturais e sociais que os geram, mas, vale lembrar, essas situações são criadas pelos homens em suas relações. E com elas, são criados os enunciados constituintes dos gêneros, mediadores das relações humanas. Nos tópicos seguintes serão discutidos os conceitos anunciados e comentados trechos dos autores no início mencionados.

JAKUBINSKIJ, SIGNIFICADO E SENTIDO

Para Faraco, o “Círculo de Bakhtin” conheceu, por volta de 1925 e 1926, uma virada linguística, isto é, a questão da linguagem passou a ser central em suas reflexões”. (FARACO, 2009, p. 101). O redirecionamento das preocupações de Volochinov, de Medviédév e de Bakhtin em direção à importância da linguagem, partiu dos estudos sobre psicologia e artes, do primeiro, de literatura do segundo, e de filosofia, sobretudo a kantiana, do último. Nessa época, Volochinov já frequentava os estudos de pós-graduação em Petrogrado e havia tido aulas com um professor alguns poucos anos mais velho do que ele: Lev Jakubinskij. Foi esse professor, estudioso das questões linguísticas que havia, em 1923, lançado um artigo inovador que

rompia, de certo modo, com o rumo de suas pesquisas. Em vez de dedicar-se a uma abordagem linguística dos elementos constituintes da língua, Jakubinskij reposicionou de maneira inovadora as concepções de diálogo e de monólogo, que foram anunciadas no final do século XIX por um outro estudioso russo, Scherba. Com a publicação do artigo, Jakubinskij optou por estudar a linguagem viva, no diálogo, em vez de debruçar-se unicamente sobre a língua imobilizada e seus dados técnicos.

Esse trabalho aporta alguns conceitos que serão ampliados pelos demais, porque aí se percebe a intenção do ato de linguagem lançado em direção ao outro, isto é, há um propósito; o diálogo endereçado ao outro é forjado numa situação social, com traços estereotipados em razão de sua constante manifestação; os enunciados dos diálogos não são completos, porque mantêm o vínculo com a situação estereotipada e estão em cumplicidade com o outro, ligados um ao outro por uma massa aperceptiva comum, isto é, pelo conjunto de suas experiências e vivências. Nessas relações dialógicas incompletas, banhadas nos estereótipos sociais e nas massas aperceptivas dos homens em diálogo, os sentidos são criados e deslizam pelas mentes humanas com suas nuances incontroláveis.

Sobre a importância do propósito para os estudos de linguagem, isto é, da intenção, até então desprezado pela Linguística, assim se manifesta Jakubinskij: “A linguística deu muito menor atenção à questão dos *propósitos* da enunciação verbal. Penso que não exagero ao dizer que ela simplesmente ignorou essa questão.” (JAKUBINSKI, 2015, p. 52). Ao considerar o propósito, ele amplia o objeto de estudo no campo da linguagem e estabelece o vínculo antes desprezado entre os fatores sociais, a relação com o outro, e a manifestação verbal:

Do ponto de vista metodológico, a distinção baseada na diferenciação das formas de enunciado deve preceder as outras, particularmente, a do propósito. Ao fazer distinções conforme o “propósito”, na realidade, não distinguimos os *fenômenos verbais*, mas seus *fatores* [...] Entretanto, no nosso caso, partindo da distinção das formas da fala, estabelecemos uma ponte entre os fatores extralinguísticos e os fenômenos verbais, e, temos, assim, a possibilidade de falar, por exemplo, da distinção dos *meios de informação* nessa ou naquela variante, ou de opor diretamente *monólogo* e *diálogo* como fenômenos verbais. (JAKUBINSKI, 2015, p. 61. Grifos do autor).

Jakubinskij já introduz o conceito de enunciado, o de propósito, o das formas de enunciados, que são apontamentos para o desenvolvimento do conceito de gênero, e o da relação entre fatores extralinguísticos, portanto situação social e fenômenos verbais, ou seja, os enunciados organizados em gêneros de linguagem. Nesse conjunto de conceitos indissociáveis, sob a perspectiva monista, a criação ininterrupta de sentidos se apoia no conceito de massa aperceptiva, isto é, no conjunto de experiências e de vivências de que cada homem se apropria ao longo da vida. Ao abordar esse conceito, Jakubinskij anuncia a relação dialética entre o constante e o transitório, entre o estável e o instável, que caracterizam os sentidos, os enunciados e os gêneros. O conceito de estabilidade vai ser usado por Volochinov, Medviédev e, posteriormente, mais desenvolvido por Bakhtin para estudar os gêneros mais ou menos estáveis, ou os significados mais ou menos estáveis dos signos. Os significados estáveis encontram-se também nos estereótipos também estáveis das trocas verbais, como sugere Jakubinskij (2015, p. 104): “Em razão de seu uso constante numa mesma situação da vida cotidiana, essas frases tornam-se *petrificadas*, transformam-se em um tipo de *estereótipos sintáticos complexos*.”

As considerações em relação à existência de elementos estereotipados, estáveis, constantes, não estão dicotomicamente apartadas das que consideram os elementos efêmeros, provisórios e cambiantes, que se encontram também no conceito de massa aperceptiva por Jakubinskij introduzido:

A massa aperceptiva que determina nossa percepção inclui elementos *constantes e estáveis*, formados em nós pelas influências *constantes e repetitivas* de nosso próprio *meio circundante* (ou e de nossos meios), e de elementos *transitórios*, que aparecem cada vez de forma diferente, conforme as condições de um momento dado. Obviamente, são esses primeiros que são fundamentais, os segundos aparecem contra o pano de fundo dos primeiros, modificando-os e complexificando-os. A parte constitutiva desses elementos primeiros é formada pelo conhecimento de uma língua [*jazyk*] dada e pelo domínio de seus diversos estereótipos [*sablony*]. (JAKUBINSKIJ, 2015, p. 88. Grifos do autor).

Os “diversos estereótipos” apontam em direção ao conceito de gêneros, e a “nossa percepção” dos enunciados inclui os “elementos constantes e estáveis” (o significado?), porque há situações sociais estereotipadas, e os “elementos transitórios” (os sentidos?) que se manifestam de modo diverso em cada nova situação. Uma visão distanciada dessas questões elegeria a massa aperceptiva dos homens em diálogo como a base do ato de criação de sentidos e, portanto, da compreensão mútua. Esse conceito, pouco conhecido entre os brasileiros antes da tradução de Jakubinskij em 2015, esclarece pontos obscuros em relação à apropriação do ato cultural de ler, porque evidencia o distanciamento entre as massas aperceptivas de quem escreve e de quem lê no encontro em que o tema deveria, supostamente, ser comum. Por isso, os sentidos criados por quem escreve e por quem lê se afastam uns dos outros, em vez de se aproximarem. Nas relações dialógicas, orais ou escritas, Jakubinskij, como faria seu pupilo Volochinov anos depois, afirmava que a situação social, isto é, a situação extraverbal é parte constituinte do enunciado; ela não se materializa, mas é ela que permite a troca e a criação mútua de sentidos entre os interlocutores. Enfatiza ele que “A conclusão é a seguinte: na comunicação dialógica (tratamos aqui desta última), o ambiente cotidiano na esfera privada é um dos fatores de percepção da fala, um dos elementos *portadores de informação*.” (JAKUBINSKIJ, 2015, p. 103. Grifos do autor).

De modo mais específico em sua abordagem sobre os sentidos e os significados, tema geral deste livro, Jakubinskij atribui relevante destaque aos tons afetivos, que quero crer, se estendem à oralidade e à escrita, e insinua a aparente estabilidade da palavra como sendo constituída por significado e as suas nuances como sentido. Desse modo, haveria um significado básico e seus sentidos orbitando em torno dele.

Estamos falando aqui de casos de entonação em que diferentes nuances de sentido vêm sobrepor-se à fala, particularmente nuances afetivas. Aqui, as relações de que falamos adquirem um sentido informativo *particular*. Elas determinam a maneira pela qual a fala de outrem deve ser compreendida e permitem revelar um estado de espírito de forma mais completa do que as palavras em si mesmas com a significação que lhes é própria. (JAKUBINSKIJ, 2015, p. 70. Grifos do autor).

Apesar de usar a palavra *entonação*, sabemos, desde Volosinov (2010), que os sentidos dessa palavra podem ser compreendidos como apreciação, julgamento, valoração, sentidos, portanto de natureza axiológica.

Entretanto, com Volosinov (2010), quero entender que não existiria a manifestação concreta do significado ou da significação, porque essa manifestação seria própria do sentido; para o significado estaria reservada a posição de um conceito abstrato, que não se manifestaria jamais na vida cotidiana. Mas parece não ser esse o entendimento de Jakubinskij no trecho acima reportado, mas creio estar neste outro logo abaixo, em que aborda um “sentido preciso”, isto é, um sentido que se manifesta concretamente entre outros tantos sentidos: “Em geral, compreendemos ou não compreendemos o que nos é dito, se o compreendemos, é apenas em um sentido bem preciso, conforme a “inclinação” de nosso espírito para uma ou outra direção.” (JAKUBINSKIJ, 2015, p. 87). A tendência de “nosso espírito” tem laços estreitos com o conceito de massa aperceptiva, porque é graças a ela que os sentidos podem ser criados. Essa conclusão pode-se apoiar no trecho a seguir em que ele interpreta as funções das abreviaturas e abreviações, antecipando as ingênuas polêmicas atuais que desabam sobre usuários digitais:

Esses casos de abreviações e de omissões de letras não são simples curiosidades. Com efeito, na percepção normal das palavras da fala, também não percebemos todos os elementos da palavra, mas apenas alguns dentre eles, completando o que resta por uma “conjetura” baseada na assimilação da massa aperceptiva, determinada diretamente pela sequência verbal que precede a percepção de dada palavra. (JAKUBINSKIJ, 2015, p. 89).

Os traços de abreviaturas e abreviações são os traços materiais da constituição dos signos, os significantes, no conceito saussuriano, mas incompletos segundo as convenções. E aqui, claramente, Jakubinskij se refere aos atos de escrever. A sua incompletude provisória seria completada no limite da massa aperceptiva dos interlocutores, isto é, os traços seriam apenas apontados para que houvesse o encontro dos sentidos, mas, é necessário destacar, mesmo as palavras materialmente completas jamais têm o poder de determinar o sentido, porque são os signos que

elucidam os outros signos, como afirma Volosinov (2010), mas os signos são sempre constituintes do psiquismo humano. Portanto, é o modo de pensar do homem em relação com o outro que cria os sentidos.

VOLOCHINOV, SIGNIFICADO E SENTIDO

Antes da abordagem direta aos estudos sobre significados e sentidos em Volochinov, é necessário articular suas posições com as de Jakubinskij registradas no tópico anterior, porque percebe-se claro alinhamento entre seus pontos de vista. Sobre o tema do papel da situação extraverbal, ou extralinguística, ou ainda situação social, na criação dos enunciados, dos gêneros, e dos sentidos, Volochinov renova e amplia o que fora afirmado por seu professor. Amplia ao introduzir a relação de atrito entre a palavra de um com a palavra do outro, isto é, de um signo que esclarece outro signo; coincide ao referendar a necessidade de o enunciado ter um complemento extraverbal, portanto, que o constitui; coincide ao confirmar as particularidades acidentais, provisórias, do gênero, mas também, como irmãs siamesas, as particularidades estáveis:

Tudo (em particular, em ordem de pedido) exige um complemento extraverbal, tudo como uma guarnição extraverbal. O tipo próprio de acabamento desses pequenos *gêneros* da vida cotidiana é determinado pelo atrito da Palavra (*Mot*) contra o meio extraverbal e a Palavra (*Mot*) do outro. Por exemplo, a forma da ordem é determinada pelos obstáculos que pode encontrar, o grau de submissão, etc. O acabamento próprio do gênero encontra aqui as particularidades acidentais e irreiteráveis das situações da vida corrente. Pode-se falar de tipos de gêneros acabados na fala da vida cotidiana do mesmo modo como existem as formas de troca verbal na vida cotidiana, pouco estáveis, reguladas pelo uso do cotidiano e pelas circunstâncias. (VOLOŠINOV, 2010, p. 322).

Se no trecho acima, o papel da situação social na construção de enunciados e de seus sentidos não foi tão destacada, no que abaixo cito, esse papel é exposto de modo incontestável:

Seria inútil procurar resolver o problema da estrutura do enunciado que é feito na comunicação, sem considerar as condições sociais reais – quer dizer, a situação – que suscita tais enunciados. Nós somos assim conduzidos a formular uma última proposição: a essência verdadeira da linguagem está no evento social que consiste em uma interação verbal, e se encontra concretizado em um ou vários enunciados. (VOLOCHINOV, 1981, p. 288).

O evento social é o núcleo gerador dos sentidos que se concretizam nos enunciados organizados em gêneros, e, por essa razão, o desprezo pela situação extraverbal de natureza histórica, cultural e social impõe obstáculos à troca verbal, à troca de massas aperceptivas, à criação de sentidos. Antes de elaboração dada ao conceito de gênero por Bakhtin (2016) nos anos 1950, Volochinov já o registrava para designar os tipos de comunicação social que somente podem ser completados se os enunciados estiverem vinculados ao evento social de onde provêm:

Assim, cada um dos tipos de comunicação social que nós citamos organiza, constrói e dá acabamento, de *maneira específica*, à forma gramatical e estilística do enunciado, assim como a estrutura do tipo ao qual ele se relaciona: nós a designaremos daqui em diante sob o termo de *gênero*.” [...] Cada um desses pequenos gêneros de enunciado, que acontecem na vida cotidiana, supõe, para ser completado, que o discurso esteja em contato com o meio extraverbal, de uma parte, e com o discurso do outro, de outra parte. (VOLOCHINOV, 1981, p. 290. Grifos do autor).

Como dissera Jakubinskij, aqui também Volochinov insiste na relação inseparável entre enunciado e o meio extraverbal para que juntos completem a elaboração do gênero, com um propósito, com Jakubinskij, ou como uma orientação social, como afirma Volochinov: “todo enunciado, além de sua orientação social, comporta um sentido, um *conteúdo*. [...] e “segundo as circunstâncias, segundo o contexto, este enunciado terá a cada vez um sentido diferente.” (VOLOŠINOV, 2010, p. 301. Grifos do autor). Portanto, os sentidos são ininterruptamente criados no interior dos enunciados e dos gêneros, conforme as circunstâncias dos eventos do cotidiano.

A noção de que a materialidade do signo é o que concederia a ele a sua relativa estabilidade, enquanto o seu aspecto semântico jamais se prestaria a alguma estabilidade, pode ser compreendida no trecho abaixo reportado, porque a forma linguística da palavra é repetitiva e existirá apenas como sinal, se não fizer parte da massa aperceptiva dos que fazem trocas verbais ou se não estiver apoiada nos eventos do cotidiano:

O objeto principal da compreensão não é somente reconhecer uma forma linguística utilizada pelo locutor como uma forma conhecida, como “é aqui a mesma”, como se identifica precisamente, por exemplo, um sinal ao qual não se está ainda suficientemente habituado ou uma forma de uma língua mal conhecida. (VOLOŠINOV, 2010, p. 257).

Os sentidos, por sua vez, os objetos do ato de compreender, se situam em um enunciado concreto, numa situação social dada, e por serem componentes do signo, fazem dele um signo que nunca é o mesmo em cada situação e em cada enunciado e em cada gênero, como reafirma Volochinov:

Não, o objeto da compreensão consiste essencialmente não identificar uma forma utilizada, mas a compreender num contexto concreto dado, compreender seu sentido num contexto concreto dado, compreender seu sentido em um enunciado dado, quer dizer, compreender a novidade, e não simplesmente reconhecer nela a identidade. Dito de outro modo, para o ouvinte-compreendente, devido ao fato de ele pertencer a uma mesma comunidade linguística, uma forma linguística dada não é um sinal imutável e sempre igual a ele mesmo, mas um signo cambiante e flexível. (VOLOŠINOV, 2010, p. 257).

Mas não seria apenas a materialidade do signo que seria o indicador de sua estabilidade, isto é, sua composição fonética na oralidade, uma vez que os sentidos é que seriam instáveis em decorrência de sua inserção na situação cotidiana. Há, para Volochinov, uma unidade dialética entre significado e sentido, entre o estável e o instável, e essa unidade é fundamental na constituição do signo, no enunciado, e na relação do signo com outros signos. Para ele,

O sentido de uma palavra é inteiramente determinado pelo seu contexto. De fato, uma palavra tem tantas significações quanto são os contextos de emprego. Entretanto, a palavra não para de ser única, ela não se desagrega, por assim dizer, em tantas palavras quanto são os contextos onde ela é empregada. Bem entendido, essa unidade da palavra não é somente assegurada pela unidade de sua composição fonética; há também uma unidade inerente a todas suas significações. Como conciliar a polissemia essencial da palavra e sua unidade? É assim que se pode formular o problema fundamental da significação. Este problema só pode ser resolvido de maneira dialética. (VOLOŠINOV, 2010, p. 283).

E por fim, para fechar a discussão das ideias de Volochinov sobre esta temática aqui abordada, convém invadir sua reflexão sobre significação e tema, mas com o olhar de quem quer perceber a luta dialética entre significado e sentido, entre estabilidade e instabilidade, sem perder o ponto de olhar monista tão necessário. Na citação abaixo, ele insiste que a significação (mas não significado) é representada pelos elementos reiteráveis do significado, mas são abstratos, como eu tinha já sugerido no início deste trabalho, e indispensáveis para a elaboração do enunciado:

Além do tema ou, mais precisamente, no interior do tema, o enunciado possui igualmente uma *significação*. Por significação diferentemente do tema, nós compreendemos todos os elementos do enunciado que são *reiteráveis e idênticos a eles mesmos* cada vez que eles são repetidos. Bem entendido, esses elementos são abstratos: na forma convencionalmente isolada, eles não têm alguma existência concreta independente, mas ao mesmo tempo eles fazem parte integrante do enunciado, eles são os elementos indispensáveis. O tema do enunciado é fundamentalmente indecomponível. A significação do enunciado, ao contrário, é constituída do conjunto de significação dos elementos linguísticos que o compõem. [...] A significação é o *aparelho técnico de realização do tema*. (VOLOŠINOV, 2010, p. 333. Grifos do autor).

A materialidade sgnica seria, desta perspectiva, esse aparelhamento técnico, mas o significado não seria o elemento técnico, mas o aspecto temático que daria suporte à criação dos sentidos, porque, como afirmou Volochinov acima, a significação (e não o significado) é formada pelo conjunto dos elementos linguísticos. A solução reside em não traçar

uma linha de fronteira entre significado e sentido, porque é a sua unidade que garante a compreensão entre interlocutores concretamente situados histórica, social e culturalmente. Como destaca ele,

Bem entendido, é impossível traçar uma fronteira mecânica absoluta entre o tema e a significação. [...] De outro lado, o tema deve se apoiar sobre uma certa estabilidade da significação, senão ele perderá sua ligação com o que precede e o que segue, dito de outra forma, ele viria a perder completamente seu sentido. (VOLOŠINOV, 2010, p. 333).

Ao final deste tópico, necessário é salientar os vínculos estreitos entre os esboços teóricos feitos por Jakubinskij com os contornos mais claros e diretos traçados por Volochinov, aqui talvez, exageradamente reportado, mas era preciso marcar, de maneira contraditória, a clareza da ausência de definição entre significado e sentido, unidades fundamentais na constituição do enunciado. Esses mesmos conceitos serão encontrados em Medviédev que terá seu pensamento exposto a seguir.

MEDVIÉDEV, SIGNIFICADO E SENTIDO

No mesmo caminho de Jakubinskij e Volochinov, Medviédev também destaca o papel do gênero da composição dos atos de linguagem e do enunciado como a unidade que compõe esses gêneros. A respeito dos gêneros, afirma que

Se abordarmos o gênero do ponto de vista de sua relação interna e temática com a realidade e sua formação, então, podemos dizer que cada gênero possui seus próprios meios de visão e de compreensão da realidade, que são acessíveis somente a ele. [...] Cada um dos gêneros efetivamente essenciais é um complexo sistema de meios e métodos de domínio consciente e de acabamento da realidade. (MEDVIÉDEV, 2012, p. 198).

No mesmo alinhamento teórico em que se situa Volochinov e que vai ser o mesmo de Bakhtin, ele elege o enunciado e suas formas, portanto, seus gêneros no reino da linguagem, como fundamentais para a compreensão da realidade e formação da consciência humana:

Não é possível dar consciência e compreender a realidade com a ajuda da língua e de suas formas em um sentido estritamente linguístico. São as formas do enunciado, e não da língua, que desempenham o papel essencial na tomada de consciência e na compreensão da realidade. (MEDVIÉDEV, 2012, p. 198).

Essa tomada de consciência e de compreensão da realidade tem no enunciado seu pilar e esse pilar somente pode ser analisado e estudado fora do campo da linguística, porque transcende à descrição de seus elementos técnicos, uma vez que “Pensamos e compreendemos por meio de conjuntos que formam uma unidade: os enunciados. Já o enunciado, como sabemos, não pode ser compreendido como um todo linguístico, e suas formas não são sintáticas.” (MEDVIÉDEV, 2012, p. 198).

A concepção não dicotômica entre significado e enunciado anunciada por Volochinov escorre também pelas reflexões de Medviédev, porque há, para ele, um elo intocável entre o ato e a situação, entre o sentido e sua manifestação concreta; o que há é um vínculo entre a materialidade e os sentidos, entre o estável e o instável:

Entre o sentido e o ato (enunciado), entre o ato e a situação concreta histórico-social, é estabelecida uma ligação histórica, orgânica e atual. A singularidade material do sinal, bem como a abrangência e a amplitude do sentido encontra-se na união concreta de um fenômeno-enunciado histórico. (MEDVIÉDEV, 2012, p. 184).

Argumentação própria desses estudiosos da linguagem aqui reportados é a ideia de que singularidade material, ou dito de outro modo, o aspecto físico do signo e os sentidos registrados concretamente nos enunciados compõem uma totalidade indecomponível. Sob o risco de exagerar nos recortes para citação, retomarei sempre, como faço agora, outros trechos do mesmo teórico para destacar a singularidade também do sentido em seu processo de concretude no enunciado, de modo mais específico quando o signo, e, portanto, o sentido, é criado pela avaliação social, ou pela apreciação, ou pela entonação, como defende Volosinov (2010). Medviédev ressalta seu ponto de vista a respeito ao registrar que:

Iremos chamar de avaliação social justamente essa atualidade histórica que reúne a presença singular de um enunciado com a abrangência e plenitude do seu sentido, que individualiza e concretiza o sentido e compreende a presença sonora da palavra aqui e agora. Pois é essa avaliação social que atualiza o enunciado tanto no sentido de sua presença fatural quanto no de seu significado semântico. Ela determina a escolha do objeto, da palavra, da forma e a sua combinação individual nos limites do enunciado. (MEDVIÉDEV, 2012, p. 184).

O que ele parece considerar como atualização da palavra (um pouco próximo do que Saussure diria sobre a fala como atualização da língua) é o fato de que o acento social de natureza axiológica é que orienta a criação dos sentidos do enunciado. Visto por outro ângulo, as escolhas das palavras, de suas combinações e de seus sentidos são feitas pelo julgamento de valor de homens em relações de troca social e de trocas verbais. Os sentidos são, portanto, negociados até chegar à manifestação concreta, oral ou escrita, ou como linguagem interior em processo de vir a ser.

Na mesma linha, Medviédev reforça seu olhar sobre os sentidos como as unidades reais da linguagem, sob um olhar axiológico, mas não da língua, quando tomada como objeto de descrição. Reafirma que, “é impossível compreender um enunciado concreto sem conhecer sua atmosfera axiológica e sua orientação avaliativa no meio ideológico. Pois aceitar um enunciado não significa capturar o seu sentido geral como capturamos o sentido da “palavra de dicionário”. (MEDVIÉDEV, 2012, p. 185).

Para ele, como para os demais aqui citados, os sentidos formam a totalidade temática que permite a mútua compreensão entre os homens, que cria as condições para as trocas sociais e verbais. São os sentidos criados e envolvidos pelas trocas verbais no reino da linguagem que rejuvenescem e recriam continuamente a linguagem humana, porque,

Entender um enunciado significa entendê-lo no contexto de sua contemporaneidade e da nossa (caso elas não coincidam). É necessário compreender o sentido no enunciado, o conteúdo do ato e a realidade histórica do ato em sua união concreta e interna. Sem tal compreensão, o próprio sentido estará morto, tornar-se-á um sentido de dicionário desnecessário. (MEDVIÉDEV, 2012, p. 185).

Para concluir os comentários acerca do pensamento de Medviédev sobre os sentidos, resta inserir sua reflexão sobre a criação de sentidos por grupos sociais, em relações diferentes com a produção econômica. Como se percebe em alguns trechos de Volosinov (2010), aqui ele também não aborda diretamente o conceito de classes sociais, mas de grupos sociais, embora os situe no campo dos princípios das relações de produção. Ao usar a expressão abaixo “dois grupos sociais”, entretanto, parece opor os que vivem do capital aos que vivem da venda da força de trabalho. Por essa razão, entende que os enunciados e os seus sentidos vão se manifestar de modo diverso:

Nessas condições, se as diferenças de nossos dois grupos sociais estiverem condicionadas pelas premissas socioeconômicas fundamentais de sua existência, as mesmas palavras terão entonações profundamente diferentes; nas mesmas construções gramaticais gerais, elas serão inseridas em combinações semânticas e estilísticas profundamente diferentes. As mesmas palavras irão ocupar um lugar hierárquico diferente na totalidade do enunciado, como ato social concreto. (MEDVIÉDEV, 2012, p. 187).

Como em Jakubinskij e em Volochinov, Medviédev lida com significados e sentidos, com materialidade e não materialidade, com estabilidade e instabilidade, como unidades constituintes da totalidade concreta, esta última representada pelo enunciado nas trocas verbais.

No tópico seguinte, serão analisados alguns registros de Bakhtin sobre a mesma temática. A razão para deixá-lo para o final obedece a um critério: a cronologia dos escritos. Jakubinskij, apesar de ter morrido em 1945, publicou seu inovador trabalho em 1923. Volochinov publicou MFL em 1929 e morreu em 1936. Medviédev publicou sua obra mais conhecida em 1928 e morreu executado em 1938. Bakhtin publicou seus escritos sobre Dostoiévski antes de sua prisão em 1928, mas pôde reelaborar muitos conceitos discutidos pelos demais até 1975, ano de sua morte. Por isso, significado e sentidos em Bakhtin ocupam o último espaço de discussão neste trabalho.

BAKHTIN, SIGNIFICADO E SENTIDO

Antes da abordagem dos dois tópicos que compõem o tema, é necessário fazer, como foi feito com os demais, uma incursão aos escritos bakhtinianos para verificar a coincidência de seus escritos com os de seus amigos. Embora soubesse e conhecesse o trabalho dos que com ele conviveram, parece negar, em seu trabalho dos anos 1950, a existência de discussões anteriores sobre gênero. De modo um tanto quanto presunçoso, ao analisar a pluralidade de gêneros e suas funções nas relações de trocas verbais no meio social, afirma que “A heterogeneidade funcional, como se pode pensar, torna os traços gerais dos gêneros discursivos demasiadamente abstratos e vazios. A isto provavelmente se deve ao fato de que a questão geral dos gêneros discursivos nunca foi verdadeiramente colocada” (BAKHTIN, 2016, p. 13). Ora, nos tópicos anteriores dedicados a Jakubinskij, Volochinov e Medviédév, o problema dos gêneros já fora discutido. Não teria sido, portanto, ele o precursor nos estudos sobre essa temática. Pode-se notar, isso sim, muitas coincidências entre o que escreveu em 1950 com os escritos dos demais nos anos 1920 e 1930, como este trecho dele reportado, que se refere diretamente ao que já escrevera Volochinov: “Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis de enunciados*, os quais denominamos *gêneros do discurso*.” (BAKHTIN, 2016, p. 12).

A proximidade com os conceitos de estereótipos de eventos sociais e de trocas verbais, já estudados por Jakubinskij, são retomados também por Bakhtin, como se fossem resultantes de suas reflexões. Afirma ele que

O gênero do discurso não é uma forma de língua, mas uma forma típica do enunciado. [...] Os gêneros correspondem a situações típicas da comunicação discursiva, a temas típicos, por conseguinte, a alguns contatos típicos dos *significados* das palavras com a realidade concreta em circunstâncias típicas. (BAKHTIN, 2016, p. 52. Grifos do autor).

Em vez de usar (aqui estamos confiando no tradutor) a palavra *estereótipos*, empregada por Jakubinskij, tal como vimos na parte inicial

deste trabalho, ele usa as expressões *temas típicos*, *contatos típicos* em *circunstâncias típicas*. As pistas deixadas por Jakubinskij passaram, portanto, por Volochinov, por Medviédev até chegar a Bakhtin. Por ter sido membro de um grupo de estudos sobre linguagem, as ideias desse grupo foram retomadas por um e por outro. No caso de Bakhtin, dada sua longevidade, os temas foram reelaborados, sem, entretanto, desprezar a sua essência, como é o caso da escolha do enunciado concreto como o objeto de estudo e os gêneros como a construção mais ou menos estável de organização de enunciados. Volochinov já dera destaque ao enunciado, e Bakhtin reafirma que “A indefinição terminológica e a confusão em um ponto metodológico central no pensamento linguístico são resultado do desconhecimento da real unidade da comunicação discursiva – o enunciado.” (BAKHTIN, 2016, p. 28). Na verdade, como o gênero, o enunciado já tinha sido comentado nas obras e nos autores já aqui referenciados. Não se trata, portanto, de desconhecimento. Do mesmo modo, reitera a estabilidade do gênero na composição da troca verbal, ao asseverar que “Falamos apenas através de certos gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados têm *formas* relativamente estáveis e típicas de *construção do conjunto*.” (BAKHTIN, 2016, p. 38).

Em relação a significados e sentidos, Bakhtin faz apenas apontamentos, e por serem apontamentos não apresentam traços de argumentação, mas suas indicações, por mais que sejam pouco esclarecedoras, remetem aos que o precederam na ordem das publicações. Suas observações reiteram o caráter de totalidade, de união, de síntese dialética entre significado e de sentido, mas é este que se revela de modo concreto no enunciado. Ao analisar a palavra destacada no enunciado como uma unidade da língua desprovida de sentido, colocada em jogo o papel de significado e de sentido na composição do enunciado concreto:

Em todos estes casos não estamos diante de uma palavra isolada como unidade da língua nem do significado de tal palavra, mas de um enunciado acabado e com um *sentido concreto* – estamos diante do conteúdo de um dado enunciado; aqui o significado da palavra refere uma realidade concreta em condições igualmente reais de comunicação discursiva. (BAKHTIN, 2016, p. 49. Grifos do autor).

O *sentido concreto*, para ele, é o sentido manifesto no enunciado, mas o que seria o significado que representa uma realidade concreta? O desconcertante uso (respeitando a tradução) de sentido e de significado como conceitos indistintos revela a face bakhtiniana pouco preocupada com o delineamento de conceitos, ou porque aplica a visão monista em que o instável se manifesta junto com o estável no conjunto constituído pela linguagem e realidade.

O discurso bakhtiniano, algumas vezes repetitivo e nada esclarecedor, enreda o leitor em direção a uma conclusão, que, entretanto, logo será abalada por outras afirmações, aparentemente contraditórias, porque é assim o modo como registra seus pensamentos e fragmentos a cada sentada à mesa. No trecho abaixo, deixa deslizar a ideia de que haveria no universo da língua, mas não da linguagem, um significado primeiro, bem estável, considerado principal, neutro, ou “basilar” ao qual viriam outros, complementares, que poderiam ser não os significados, mas os sentidos. De qualquer modo, há o conceito de algo fixo e algo mutável:

Sobre o significado basilar (de toda a língua e neutro) das palavras e formas da língua superpõem-se significados complementares especiais de caráter predominantemente valorativo. Ocorre uma espécie de contaminação de palavras e formas particulares da língua por certas avaliações (auréolas estilísticas). Essa contaminação ocorre nos enunciados. (BAKHTIN, 2016, p.139).

Compreende-se, porém, que a neutralidade é puramente uma abstração, como um significado basilar também o é, porque é na concretude do enunciado que se analisa a palavra e aí somente tem vez os sentidos, ou, como registra a citação acima, há “certas avaliações que contaminam os enunciados”. Em outro lugar, o mesmo Bakhtin afirma que “Os significados lexicográficos neutros das palavras da língua asseguram para ela a identidade e a compreensão mútua de todos os seus falantes, mas o emprego das palavras na comunicação discursiva viva sempre é de índole individual-contextual.” (BAKHTIN, 2016, p. 53). Ele reitera a composição inseparável entre o estável e o instável, entre o geral e o individual, entre a neutralidade e o contextual como componentes do signo; um predominante no reino da língua, imóvel, e o outro, no reino da linguagem,

plástico, valorativo, mas o estável do plástico não se aparta, sob o risco de destruição do próprio signo.

A ideia bakhtiniana de um significado neutro persiste, mas esse significado não se realiza jamais, porque ele não supre nem nutre as necessidades postas pelo evento social e pelas trocas verbais. No trecho abaixo reportado, Bakhtin insere a expressão “centelha da expressão” para indicar o tom valorativo dado pelos interlocutores aos signos em atrito. Esse atrito do signo com outros signos no enunciado, nas trocas verbais, cria os sentidos, como comentado pelos outros autores aqui reportados. Para ele, todavia,

Escolhemos a palavra pelo significado que em si mesmo não é expressivo, mas pode ou não corresponder aos nossos objetivos expressivos em face de outras palavras, isto é, em face do conjunto de nosso enunciado. O significado neutro da palavra referida a certa realidade concreta em determinadas condições reais de comunicação discursiva gera a centelha da expressão. Ora, é precisamente isto que ocorre no processo de criação do enunciado. Reiteramos: só o contato da língua com a realidade, contato que se dá no enunciado, gera a centelha da expressão; esta não existe nem no sistema da língua nem na realidade objetiva existente fora de nós. (BAKHTIN, 2016, p. 51).

Ao se referir ao enunciado, ele o vê como um fato concreto criado na relação entre língua e realidade, portanto, na linguagem criada pelas trocas verbais concretizadas em enunciados, lugar onde se dá a criação também dos sentidos, isto é, da “centelha da expressão” que não poderia ser criada, nem vivida no reino do sistema da língua. Para ele, o enunciado seria “uma totalidade de sentidos” (BAKHTIN, 2016, p. 99).

Por fim, uma última citação de Bakhtin confirma a natureza abstrata do significado e a natureza concreta do sentido, aquele situado no universo da língua e este outro no universo da linguagem, do enunciado e da vida:

O enunciado pleno já não é uma unidade da língua (nem uma unidade do “fluxo da língua” ou “cadeia da fala”) mas uma unidade da comunicação discursiva, que não tem significado, mas *sentido* (Isto é, um sentido pleno, relacionado com o valor – com a verdade, a beleza, etc. – e que requer uma compreensão responsiva que inclua em si o juízo de valor.) (BAKHTIN, 2016, p. 103).

A criação de sentidos tem como núcleo a natureza valorativa que os homens emprestam aos signos e ao enunciado, considerado como a unidade no conjunto da totalidade das relações dialógicas.

CONCLUSÃO

Na introdução deste trabalho, alertei o leitor sobre o deslizamento dos conceitos de significado e de sentido, e que o ponto de partida do olhar teórico pode considerar ou não esse movimento conceitual. A linha por mim conduzida, que tentou entrar pelas brechas dos pensamentos de quatro estudiosos russos e alinhavá-los, encontrou frequentemente traços comuns, obviamente por pertencerem todos ao mesmo campo teórico. As conclusões, após análises de trechos representativos, apontam para a relação dialética entre significados e sentidos não limitada ao signo, mas ampliada para o enunciado, considerado como a unidade na totalidade dos sentidos. Os enunciados e seus sentidos não ganham existência concreta se não trouxerem consigo mesmos os significados. Essa relação é constituída pelos pares contraditórios necessários ao dinamismo da linguagem, o embate entre o estável e o instável, entre o abstrato e o concreto, entre o social e o singular.

Também na introdução, dediquei alguns parágrafos ao filólogo alemão Klemperer, especificamente a sua experiência como operário a exercer trabalhos forçados durante a implantação do regime nazista na Alemanha. Em razão de sua formação de estudioso da linguagem e de ser profundamente democrata percebeu, registrou e comentou, em sua obra posterior ao regime, a relação intrínseca entre meio social, projeto político, projeto educacional, projeto econômico e a criação de sentidos. Com suas observações desvela, em trabalho minucioso e detalhado, os conceitos teóricos aqui discutidos, embora não tenha dado nenhuma indicação de ter lido os estudiosos aqui tomados como referência. Se há coincidências é porque todos eles veem a linguagem humana, oral ou escrita, e seus enunciados concretos como instrumentos de formação da consciência humana.

As escolas, se apartadas do movimento da vida e dos eventos sociais, não conseguirão manter o vínculo necessário entre evento social,

enunciados, significados, sentidos e gêneros, para a formação integral do homem que deveria ter na linguagem escrita os fundamentos de sua constituição. Antes de tudo, a criação de sentidos não encontra lugar para o pensamento único, centrípeto e opressor. A criação dos sentidos, como todo ato criativo somente floresce no reino da liberdade.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. *Os gêneros do discurso*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- FARACO, C. A. *Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- JAKUBINSKI, L. *Sobre a fala dialógica*. Trad. Dóris de Arruda C. da Cunha e Suzana Leite Cortez. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- KLEMPERER, V. *LTI: a linguagem do Terceiro Reich*. Trad. Miriam Bettina Paulina Oelsner. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.
- MEDVIÉDEV, P.N. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Trad. De Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.
- SÉRIOT, P. Préface. Vološinov, la Philosophie de l'enthymème et la double nature du signe. In: VOLOCHINOV, V. N. *Marxisme et philosophie du langage: les problèmes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage*. Nouvelle édition bilingue traduite du russe par Patrick Sériot et Inna Tylkowski-Ageeva. Limoges: Lambert-Lucas, 2010.
- TYLKOWSKI, I. *Vološinov en contexte: essai d'épistémologie historique*. Limoges: Lambert-Lucas, 2012.
- VOLOCHINOV, V.N. La structure de l'énoncé. In : TODOROV, T. (Org.). *Mikhail Bakhtine : le principe dialogique suivi de Écrits du Cercle de Bakhtine*. Tradução de Tzvetan Todorov. Paris: Éditions du Seuil, 1981.
- VOLOŠINOV, V. N. *Marxisme et philosophie du langage: les problèmes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage*. Nouvelle édition bilingue traduite du russe par Patrick Sériot et Inna Tylkowski-Ageeva. Limoges: Lambert-Lucas, 2010.

PARTE II

O SIGNIFICADO E O SENTIDO COMO CONCEITOS PARA A REFLEXÃO SOBRE METODOLOGIA DE ENSINO